



O BRASIL DO PRETÉRITO IMPERFEITO É O HOJE: *para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição*¹

THE BRAZIL OF THE IMPERFECT PAST² IS TODAY: *for Bolsonaro, the Bible weighs more than the Constitution*

EL BRASIL DEL PASADO IMPERFECTO ES HOY: *para Bolsonaro, la Biblia pesa más que la Constitución*

Pedro Henrique Alves de Medeiros³ & Edgar César Nolasco⁴

Resumo: Em torno das discussões acerca da proposta “Modernidades nunca mais”, o objetivo deste trabalho é estabelecer uma leitura descolonial da atualidade do Brasil Bolsonarista (2018-

¹ Este texto é a versão revisada e desenvolvida de uma primeira publicada no livro *Silviano Santiago: grafias-de-vida* (2023) organizado por Edgar César Nolasco.

² Optou-se por utilizar a tradução literal de “Brasil do pretérito imperfeito” por uma questão semântica desprendida da correlação gramatical com a língua inglesa, uma vez que nessa última não existe o tempo verbal “pretérito imperfeito” na mesma equivalência de sentido do idioma português.

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5872-1626>. Email: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

⁴ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), orientador e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br.

2022) com base na perspectiva do pretérito imperfeito proposta pelo intelectual Silviano Santiago no texto “Nó, nós” publicado em 2020 na revista portuguesa *Electra*. Para isso, será utilizada uma metodologia bibliográfica de caráter descolonial com foco no conceito de matriz colonial de poder discutido por Walter Mignolo. O intuito do texto é comprovar como o presente político brasileiro, simbolizado pelo governo autoritário de Jair Bolsonaro, alimenta diversas formas de colonialidades explicitando como o presidente em exercício e seu movimento ideológico replicam políticas pautadas na suposta “aparência natural do mundo” em que ser homem, branco e heterossexual são características básicas para separar identidades similares e, principalmente, diferenciais.

Palavras-chave: Brasil; Bolsonarismo; teorização descolonial; política; Silviano Santiago.

Abstract: Around the discussions about the proposal “Modernities never again”, the objective of this work is to establish a decolonial reading of the current *Bolsonarista Brazil* (2018-2022) based on the perspective of the imperfect tense proposed by the intellectual Silviano Santiago in the text “Nó, Nós” published in 2020 in the Portuguese magazine *Electra*. For this, a decolonial bibliographical methodology will be used, focusing on the concept of colonial matrix of power discussed by Walter Mignolo. The purpose of the text is to prove how the Brazilian political present, symbolized by the authoritarian government of Jair Bolsonaro, feeds different forms of colonialities, explaining how the president in office and his ideological movement replicate policies based on the supposed “natural appearance of the world” in which being a man, white and heterosexual are basic characteristics to separate similar and, mainly, differential identities.

126

Keywords: Brazil; *Bolsonarismo*; decolonial theorization; politics; Silviano Santiago.

Resumen: En torno a las discusiones sobre la propuesta “Modernidades nunca más”, el objetivo de este trabajo es establecer una lectura decolonial del *Brasil Bolsonarista* actual (2018-2022) a partir de la perspectiva del tiempo imperfecto propuesta por el intelectual Silviano Santiago en el texto. “Nó, Nós” publicado en 2020 en la revista portuguesa *Electra*. Para ello, se utilizará una metodología bibliográfica decolonial, centrándose en el concepto de *patrón* colonial de poder discutido por Walter Mignolo. El texto tiene como objetivo probar cómo el presente político brasileño, simbolizado por el gobierno autoritario de Jair Bolsonaro, alimenta diferentes formas de colonialidades, explicando cómo el presidente en funciones y su movimiento ideológico replican políticas basadas en la supuesta “apariciencia natural del mundo” en el que ser hombre, blanco y heterosexual son características básicas para separar identidades similares y, principalmente, diferenciales.

Palabras clave: Brasil; *Bolsonarismo*; teorización descolonial; política; Silviano Santiago.

ESCRE(VI)VO UM BRASIL A PARTIR DA REVOLTA: desatando os nós da matriz colonial de poder⁵

[...] o cotidiano da vivida sob Bolsonaro azucrina mais a vida da gente que o passado. Quanto ao futuro da nação, ele só a Deus pertence. País do futuro – profetizou Stefan Zweig na cidade de Petrópolis, antes do suicídio com soporíferos. Enganara-se ele, *o Brasil é o país do pretérito imperfeito*.

Silviano Santiago. Nó, nós, p. 171, grifos meus.

É a partir da premissa de que *para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição*⁶, explicitada por meu mineiro Silviano Santiago, que este texto, debruçado sobre a matriz colonial de poder imperante ainda no Brasil do pretérito imperfeito, inicia-se. Em outras palavras, o tom discursivo crítico biográfico fronteiriço aqui empreendido se delinea através dos nós incrustados no corpo-ferida Brasil os quais emergem à luz de um apregoamento subjetivo, social, cultural, econômico e político em paradigmas autoritários, coloniais, imperialistas e modernos, por excelência. Esses, por sua vez, foram, são e continuam sendo replicados à exaustão por vias do movimento ideológico Bolsonaroista liderado pela figura ignóbil e execrável de Jair Messias Bolsonaro e levado adiante por seus templários tanto no plano da sociedade civil quanto em boa parte dos grupos políticos dominantes disseminados quase que como traças corrosivas dos princípios minimante éticos e morais de uma co-presença⁷ pluriversal⁸ de mundos possíveis⁹.

À semelhança do “mito”¹⁰, seus seguidores desmedidos, incondicionais e absolutamente desconectados das realidades que os cercam são aqueles que

⁵ Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este trabalho foi pensado e escrito no ano de 2022 considerando o atravessamento do (des)governo de Jair Messias Bolsonaro e do crescimento exponencial de seu movimento ideológico reacionário denominado “Bolsonarismo”.

⁶ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

⁷ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

⁸ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

⁹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

¹⁰ “Mito” é o termo – ou apelido – atribuído a Jair Messias Bolsonaro e repetido *ad infinitum* pelos diversos grupos de pessoas que o veneram cegamente, isto é, sem qualquer distanciamento crítico

tomaram para si a falácia de um patriotismo inegociável quase como um enraizamento social¹¹. No seu bojo, descortinam-se os ideais de uma suposta família tradicional (hetero, cis e patriarcal) enquanto paradigma mestre da vida¹² aliado à premissa da violência implacável, de cunho bélico e militarizado, que intenta se justificar através do argumento de “autodefesa”¹³ do dito “cidadão de bem”. Nesse preciso sentido, o eleitor de Bolsonaro, autointitulado “cidadão de bem”, acredita com veemência na meritocracia individualizada, em seu próprio trabalho duro e na presença incontestada do seu Deus¹⁴ universal acima de todos. No espaço do culto, em específico, neopentecostal, resguardam-se, *à la ego* e teopolíticas, *seus sustentáculos morais, afetivos, financeiros e no evangelho a lente para apreender a realidade do cotidiano*¹⁵.

Insinua-se, então, por vias do mencionado, uma política conservadora e reacionária, endossada por 57,8 milhões de brasileiros¹⁶, em que fica nítido o fato de que grande parcela do país não concorda com *posturas, lideranças e governabilidades igualitárias, inclusivas e democráticas*¹⁷. Pelo contrário, Bolsonaro e seu movimento de extrema direita descortinaram aos nossos olhos *outros* seus desejos pelo retorno aos valores “tradicionais”¹⁸ que, das suas ópticas, deveriam orientar não só os lugares públicos de existência, mas, para além, os âmbitos privados de cada brasileiro. Por isso, por mais que figuras como Donald

mediante às falas, posturas e ações do presidente em exercício. A esses, prefiguram-se as alcunhas de “Bolsonaristas” e, através de uma ironia latente, “Bolsominions”. No corolário do termo mencionado, consultar: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-07-07/bolsonaro-e-mito-sim.html>

¹¹ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

¹² ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

¹³ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

¹⁴ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

¹⁵ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

¹⁶ Quantidade de votos recebida por Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 contra o candidato à esquerda Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT). Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>

¹⁷ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

¹⁸ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

Trump e Bolsonaro pareçam para nós, pesquisadores descoloniais e pós-abissais, figuras “picarescas”¹⁹ não o são para todos, pois venceram suas respectivas eleições e simbolizam a representação de uma mentalidade de milhões de pessoas que os elegeram. Angaria-se, então, a necessidade de entender e desvelar a lógica colonial/moderna escondida por detrás da *Nova República de uma democracia pretendida socialmente justa cujas bases se veem frente a um pesadelo*²⁰.

Diante desse pesadelo, um contexto político de degradação do tecido social plurilógico²¹ e dos preceitos mínimos de Estado democrático, iniciado em 2018²² no período de eleição presidencial e ainda reiterados em 2022, teorizo à luz da minha condição sul-fronteira²³ respaldada por um paradigma *outro*²⁴. Assim, só posso entender que escre(vi)vo nosso Brasil – uma vez que esse pertence tanto a mim quanto ao meu Silviano que, por uma opção intelectual e de vida quase que herdada homo-biograficamente pelas já obscurecidas *Mil rosas roubadas* (2014), atravessa meus escritos desde 2017 – a partir da revolta²⁵ angariando desatar esses

¹⁹ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

²⁰ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

²¹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

²² As eleições presidenciais de 2018, cujo desdobramento culminou na vitória do candidato reacionário e de extrema direita Jair Bolsonaro, apregooou na história democrática do Brasil uma transformação ou, em outras palavras, um abalo disruptivo que não se via desde o golpe militar de 1964. Tendo em vista os acontecimentos de 2013, decorrentes do aumento das tarifas de ônibus (“Não é só por 0,20 centavos”) durante o governo à esquerda de Dilma Rousseff, entreviu-se, nas palavras do intelectual Newton Bignotto, a emergência de movimentos clamando pela volta das Forças Armadas ao poder, a negação das conquistas dos direitos das minorias, alvos diretos da opressão moderna, colonial e imperialista, e, por extensão, o descortinar de uma política de extrema direita que, *a posteriori*, viria a assumir o poder. Primeiro, por meio de Michel Temer (2016) através do golpe aplicado à Dilma Rousseff (*impeachment*), da prisão inconstitucional de Luiz Inácio Lula da Silva (2018), impossibilitando-o de concorrer às eleições, e, logo mais, com a vitória de Bolsonaro (2018). Dessa maneira, naquele primeiro contexto de manifestação pública, perfilou-se a emergente degradação democrática que seria alargada à exaustão no futuro imperfeito que estava se desenhando frente aos nossos olhos. BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 233.

²³ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 16.

²⁴ MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

²⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

múltiplos nós da matriz colonial de poder que o Bolsonarismo em curso insistentemente se coloca à disposição indiscriminada de alimentar e reproduzir, ainda que a partir de um lócus terceiro-mundista e subalterno situado no arrabalde quase que inexistente do planeta. Entrevejo, então, que é esse o biolócus²⁶, fronteiro e nacional, que me movimenta situando no tempo e no espaço minhas teorizações de matizes descoloniais, fronteiros e pós-abissais²⁷, ou seja, através de um *cotidiano de vida intermediado por Bolsonaro que azucrinas mais a vida da gente que o passado*²⁸, à maneira que aferiu meu mineiro na epígrafe aposta.

Por isso, situado no presente político que atravessa minha carne de homem brasileiro, fronteiro e homossexual escre(vi)vendo à luz da exterioridade da fronteira-sul²⁹ endossado por uma consciência e prática descoloniais, faz-se impossível pensar no Brasil como o país do futuro, somos, portanto, uma nação que se quer pós-colonial, independente e republicana ainda assolada pela escuridão da modernidade/colonialidade levada à última instância pela razão imperial itinerante hospedada aqui, primordialmente, pela reverência política irrestrita de Bolsonaro aos paradigmas estadunidenses, outrora simbolizados pelo ex-presidente Donald Trump. De modo coerente com *isso* que nos permeia dia após dia, emerge a premissa *outra* de Silviano no texto “Nó, nós” de que o Brasil é o país do pretérito imperfeito, em especial, no que compete ao recorte histórico de 2018-2022 intermediado pela ascensão do movimento Bolsonarista e pelo seu enraizamento social, cultural e subjetivo o qual trouxe à tona ao espectro público os princípios coloniais de racialização³⁰ os quais se encontravam mascarados, recalcados e enclausurados nos espaços privados de muitos brasileiros reacionários.

Assim, contextualizado esse cenário de degradação, ainda em prática nesse nosso Brasil, julgo pertinente justificar à voga discursiva da revolta fronteiriça³¹

²⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 38.

²⁷ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

²⁸ SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

²⁹ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 16.

³⁰ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

³¹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

que aqui se desenha a conceituação inicial do que estou conclamando de pretérito imperfeito. Em rápida consulta a um dicionário *online*³², explicita-se que o pretérito imperfeito se refere aos fatos ocorridos no passado, mas que não foram devidamente concluídos. Com isso, expressa-se um ideário de continuidade pretérita de algo que aconteceu, foi interrompido e que, de alguma forma, permanece em estado de abertura na linha espaço-temporal. Nesse cenário, entendo que intermediado pelo Silviano que venho construindo para mim nesses anos de pesquisa acadêmica aportado em teorizações pós-abissais³³ consigo, situando-me em um entre-lugar³⁴ entre mim e o meu co-partícipe³⁵, des-escrever esse nosso Brasil do pretérito imperfeito desatando seus nós³⁶ coloniais a fim de aprender a desaprender para, enfim, re-aprendê-lo³⁷ pela emergência de um paradigma *outro*³⁸, uma sociedade comunal e, principalmente, uma política *outra*.

Ao desaprender para re-aprender, encontro-me frente *ao futuro do Brasil sempre adiado*³⁹. Em outras palavras, a persistência latente de desigualdades⁴⁰ reverberadas em múltiplas esferas sociais cujas formas políticas de contenção parecem, ora mais ora menos, nunca serem suficiente para obliterarmos nossas heranças coloniais⁴¹. Com isso, o Brasil de Jair Bolsonaro, dotado de um presente intermediado justamente pelo pretérito imperfeito do país, descortina um horizonte avassalador de injustiça social⁴², outrora reduzida por governos comprometidos com a redução da miséria, bem como uma perseguição incessante

³² Disponível em: <https://www.conjugacao.com.br/preterito-imperfeito-do-indicativo/>

³³ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

³⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 50.

³⁵ PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.

³⁶ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

³⁷ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

³⁸ MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

³⁹ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 194.

⁴⁰ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 22.

⁴¹ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 22.

⁴² BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 22.

ao alargamento das liberdades políticas e civis⁴³, em especial, dos grupos empurrados para a inexistência da exterioridade. Percebe-se que, mesmo decorridos 130 anos de história republicana⁴⁴, não conseguimos nos desvencilhar, tampouco vencer, *nossa herança colonial e escravagista em direção sequer à democracia*⁴⁵, menos ainda à uma perspectiva descolonial.

Essa dimensão preterida e imperfeita do país desvela os porquês e as dificuldades⁴⁶ de até hoje, e principalmente hoje, encontrarmo-nos no espaço do *futuro adiado*⁴⁷. Por isso, faz-se pertinente o exposto por meu co-partícipe Silviano ao aferir que *nosso cotidiano vivido sob Bolsonaro azucrinará mais nossa vida que o passado, o porvir da nação só a Deus pertencerá*⁴⁸. Se no período de 2003 a 2010⁴⁹, através da presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, munimo-nos de esperança no bojo da redução de desigualdades sociais, uma década à frente, *estariamos capturados pela efemeridade das ilusões*⁵⁰, uma vez que o transcorrer dos anos nos aproximaria, mais uma vez, de nosso passado oligárquico⁵¹ e colonial. Nesse intento, o intelectual Newton Bignotto, debruçado sobre a política nacional, alerta-nos que *se não conseguirmos aprender com nosso passado, não conseguiremos desenvolver um conhecimento de política, tendo em vista que nos encarceraríamos à exclusividade dos domínios de nossas experiências e condenados ao que conclama de cacarejar de opiniões*⁵².

⁴³ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 22.

⁴⁴ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 27.

⁴⁵ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 27.

⁴⁶ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 27.

⁴⁷ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 194.

⁴⁸ SANTIAGO. Nós, nós, p. 171.

⁴⁹ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 198.

⁵⁰ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 198.

⁵¹ BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 210.

⁵² BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 238.

Diante desse contexto, percebe-se que boa parte da população brasileira deseja um presidente pretérito como Bolsonaro⁵³ no intento de dar prosseguimento à uma ideia de país também pretérita e imperfeita, na esteira das considerações descoloniais que venho tracejando. Ou seja, o governante e seu projeto ideológico encontraram aderência às massas, pois perceberam que certo passado, o universo colonial, moderno e imperial do si-mesmo, forneceria a conexão ideológica passível de respaldar um plano hegemônico de poder⁵⁴. Apropriando-se de elementos históricos nacionais, o tempo presente se constitui, sob essa óptica pretendida “universal”, enquanto desfazimento⁵⁵, momento de *decadência religiosa, de corrupção política, de degradação dos costumes “tradicionais” e da insegurança social*⁵⁶. Com isso, a retórica abissal Bolsonaroista apregoa a ideia de que *a cada dia, há mais (falso) passado e menos futuro*⁵⁷.

Em outros termos, um movimento de regressão em que o passado, ainda que falso⁵⁸ no sentido de nunca ter existido como se narra, poderia se aderir e, ademais, ser utilizado como modelo, paradigma, sistema e via de comunicação⁵⁹ entre o agente do caos e seus templários incansáveis. No corolário dos intelectuais Newton Bignotto, Miguel Lago e Heloisa Murgel Starling, em *A linguagem da destruição* (2022), percebo os contornos da tentativa de disseminar uma utopia regressiva⁶⁰ em que parcelas consideráveis do país passem a habitar um mundo fictício⁶¹ que se mostra, imerso em si mesmo, supostamente coerente e seguro⁶².

⁵³ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

⁵⁴ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

⁵⁵ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

⁵⁶ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

⁵⁷ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

⁵⁸ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

⁵⁹ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

⁶⁰ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

⁶¹ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

⁶² BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

Para sustentá-la, há um apelo irrestrito à destruição⁶³ enquanto *modus operandi* basilar, ou, nas palavras de uma epistemologia pós-abissal a qual me situo para escre(vi)ver, na separação entre os lados das linhas, ou fronteiras, situando demarcações hegemônicas do que seria verdadeiro/falso, legal/ilegal, existente/inexistente⁶⁴ etc.

*O passado nunca foi, o passado continua*⁶⁵, assegurou Gilberto Freyre na Constituinte de 1946, tal premissa, 76 anos depois, mostra-se mais pertinente do que nunca, à diferença que na atualidade (2022) a ideia pretérita foi absolutamente subvertida e transfigurada em um universo fictício povoado por heranças coloniais as quais até hoje nunca foram efetivamente resolvidas. Pelo contrário, mascaradas, são repetidas através das vociferações Bolsonaristas cujas bases ideológicas jamais consideram a capacidade cíclica⁶⁶ de reiterar e repetir problemas⁶⁷ que por essas terras há muito sobrevivem mais vivos do que nunca. O passado que nos assombra ressoa *não como mérito, mas na forma de um fantasma perdido, sem rumo, com base na escravidão, no colonialismo, nas estruturas de mandonismo, patriarcado, na corrupção renitente, nas muitas manifestações de intolerância, sendo todas essas forças hegemônicas sobressalentes em governos autoritários ou com aproximações a esse formato político de poder*⁶⁸.

Entremeado pela alcunha de que *o passado continua*⁶⁹, percebe-se que, diferentemente de outros países dos trópicos latinos, como Argentina e Uruguai⁷⁰, o Brasil jamais puniu à altura as práticas de tortura e os assassinatos cometidos pelos agentes Estatais⁷¹. Em especial, no que compete aos mais de vinte anos de

⁶³ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

⁶⁴ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

⁶⁵ FREYRE *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

⁶⁶ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 223.

⁶⁷ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

⁶⁸ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

⁶⁹ FREYRE *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

⁷⁰ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁷¹ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

anos de ditadura militar desvelada pelo golpe de 1964, o qual, diga-se de passagem, Bolsonaro e seu movimento ideológico possuem afeição e apreço irrestritos a ponto de requerer e bradejar pelas ruas à volta das Forças Armadas⁷² ao poder. O fato explicitado elucida a maneira com a qual lidamos com nossos pretéritos imperfeitos e, sobretudo, com os traumas⁷³ que deles emergiram. Na realidade, projetos políticos autoritários como o Bolsonarismo escancaram aos nossos olhos de gente fronteira que vive, pensa e escre(vi)ve do outro lado da borda *a incapacidade de elaborarmos nossos traumas e, por essa razão, convivermos indefinidamente com seus sintomas*⁷⁴.

Nos termos críticos biográficos fronteiros, entendo os sintomas⁷⁵ enquanto paradigmas e estruturas hegemônicas advindas de uma matriz colonial de poder, que será desenvolvida conceitualmente *a posteriori*, que nunca foi desbaratinada por essas terras do arrabalde em nenhuma de suas extensões, sejam as de cunho epistêmico, social, econômico e, primordialmente, político. Nesse sentido específico, fazem-se necessários os questionamentos do meu Silviano quando indaga: *como desatar os nós?*⁷⁶ *Voltaremos a viver na nação que sempre vivemos?*⁷⁷ Dentre nossos traumas não resolvidos, posso citar, por exemplo, a escravidão⁷⁸ e a maneira como até hoje sua herança colonial⁷⁹ sobrevive e se transmuta em múltiplas formas de racismo, inclusive, reverberadas pelo próprio presidente da República como mostrarei à frente. Em suma, o que estou problematizando é que sendo o Brasil o país do pretérito imperfeito, atravessado por um *passado que continua*⁸⁰, nunca resolvemos (ou sequer nos predisposemos)

⁷² BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 233.

⁷³ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁷⁴ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁷⁵ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁷⁶ SANTIAGO. Nós, nós, p. 165.

⁷⁷ SANTIAGO. Nós, nós, p. 173.

⁷⁸ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁷⁹ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁸⁰ FREYRE *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 224.

a perlaborar nossas dívidas⁸¹ não só com as populações negras, mas com os povos originários, com as mulheres, com a comunidade LGBTQIAP+ dentre outras múltiplas formas de exterioridades que por aqui re-existem⁸² sob a hegemonia moderna, colonial e imperialista do Bolsonarismo.

Mais do que isso, o que o Bolsonarismo endossa, munido de seu paradigma autoritário, é o descortinar de um projeto político em que nossas feridas históricas, nunca cicatrizadas, sejam mobilizadas⁸³ ao seu favor e automanutenção. Ao fazê-lo, de maneira consciente, evocam afetos, ressentimentos, raivas e angústias⁸⁴ de diversas camadas da população que não se sentiam contempladas por governos anteriores de tendência ideológica à esquerda (como os de Lula e Dilma). Nessa esfera, a retórica Bolsonarista, engendrada pelo viés de extrema direita⁸⁵, apregoa em seu cerne uma imperfeição pretérita passível de projetar *disputas de imaginários, subjetividades e sensibilidade de mundo a partir das quais a emoção se aloca no centro de qualquer debate*⁸⁶. Essa, por sua vez, dá-se na tentativa de desenhar a ideia de uma pátria fantasma⁸⁷ *com base na sedução*⁸⁸ *discursiva da extrema direita em torno de uma comunicação respaldada por aspectos emocionais*⁸⁹ em que fronteiras binárias, polarizações, à maneira que afirmei na chancela das linhas abissais⁹⁰, são alimentadas e replicadas através das redes sociais guiadas pela massificação de *fake news*.

136

De acordo com o que Heloisa Murgel Starling assevera no plano da leitura política de nosso tempo, *à la* meu Silviano, tal qual venho evocando, Bolsonaro

⁸¹ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

⁸² MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

⁸³ SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

⁸⁴ SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

⁸⁵ SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

⁸⁶ SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

⁸⁷ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

⁸⁸ SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

⁸⁹ SOLANO. A bolsonarização do Brasil, p. 320.

⁹⁰ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

não é só inconveniente⁹¹, nas diversas significações do termo, mas *é falastrão e conta sempre uma história recorrente, a de que um dia o Brasil realmente foi o que teria que ser, o país a que estamos destinados a viver, aquele que merecemos*⁹². Nos termos da argumentação exposta, entendo que o Messias colonial-imperialista perfila o desejo de que existamos e sobrevivamos, de fronteira a fronteira, de lócus a lócus, de sensibilidade biográfica a sensibilidade biográfica, pelo atravessamento do Brasil do pretérito imperfeito custe o que custar, doa a quem doer. No entre-lugar situado entre o querer e o ser, seus templários incansáveis, com vistas mitigadas frente às feridas que nos cercam no existir do cotidiano, *arriscam-se a enxergar fantasmas e ignorar os escombros do nosso país que está perdido e culpabilizado por esse estado de degradação pelo presente do desfazimento*⁹³ *que, no corolário de uma perspectiva de justificativa fictícia*⁹⁴, *cercaria-o*⁹⁵.

No âmbito do contexto de afetos e emoções evocado por Bolsonaro, alia-se a enseada da nostalgia⁹⁶ sendo aquela *que une a amargura em torno de algo perdido e o sentimento de não pertencimento à realidade do hoje abrindo margem para uma retórica reacionária aceita pelos imaginários das massas e reproduzida à exaustão*⁹⁷. Alcinha-se, então, o que Heloisa Starling entrevê como algo próximo aos paradigmas de uma utopia⁹⁸, isto é, o ideário mais ou menos nebuloso e enviesado de uma pátria supostamente em ordenamento e segurança aportada em um passado “roubado” dos brasileiros, mas que não morreu⁹⁹. Permanece vivo¹⁰⁰ em seus imaginários desprovidos de quaisquer consciências

⁹¹ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

⁹² STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

⁹³ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

⁹⁴ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 18.

⁹⁵ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

⁹⁶ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

⁹⁷ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

⁹⁸ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

⁹⁹ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

¹⁰⁰ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

outras frente aos horizontes de desigualdades renitentes na nossa presentificação social, econômica, cultural, epistêmica e política. Para a intelectual citada, no século XXI, houve uma combinação entre política e nostalgia¹⁰¹ e, por essas terras tupiniquins que atravessam minhas reflexões revoltosas¹⁰², *talvez tenha se transformado em uma patologia cada vez menos tratável*¹⁰³.

A justificativa dessa constatação se resguarda no fato de que quando a nostalgia é evocada como instrumentalização política, há um desvirtuamento da realidade para a invenção¹⁰⁴ incorrendo, propositalmente no caso de Bolsonaro, na esfera do imaginário¹⁰⁵ falseado. Por extensão, ignora-se as urgências do presente histórico¹⁰⁶ a partir da falsificação de um pretérito que efetivamente nunca existiu da forma como é narrado¹⁰⁷. A partir desse *modus operandi* de controle, o espectro da confusão¹⁰⁸ criada acaba por aprofundar os sintomas e manobrar os artifícios de sedução e manipulação da nostalgia a fim de projetar uma pátria fantasma¹⁰⁹. Para fazê-lo, grupos defensores e replicadores desse ideal são convocados e organizados a partir da violência¹¹⁰ digital, verbal ou até mesmo física – como demonstram as notícias¹¹¹ de Bolsonaristas em diversas situações

¹⁰¹ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

¹⁰² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

¹⁰³ STARLING. Brasil, país do passado, p. 97.

¹⁰⁴ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹⁰⁵ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹⁰⁶ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹⁰⁷ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹⁰⁸ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹⁰⁹ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹¹⁰ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹¹¹ A exemplo da prática virulenta envolvendo grupos Bolsonaristas, menciono, entre diversos outros existentes, três casos como ilustração do exposto:

“Violência escala em atos bolsonaristas, e autoridades apuram terrorismo” em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/23/interna_politica,1424594/violencia-escala-em-atos-bolsonaristas-e-autoridades-apuram-terrorismo.shtml. “Violência em manifestações cria um ‘curto-circuito’ na base de Bolsonaro” em

conflituosas e violentas – apregoando uma dimensão utópica¹¹² direcionada a um passado que se deseja ser presentificado, ainda que nunca tenha existido¹¹³.

Atravessado por essa perspectiva *outra*, pretérita e imperfeita do Brasil atual, ancora-se a *práxis* de des-escrever nossas histórias locais e biográficas, ainda que de um lugar de desconforto¹¹⁴, tendo em vista que esse é o próprio sintoma que apregoa minhas corpo-geo-grafias fronteiriças às minhas teorizações descoloniais no espaço-tempo presente. Indo além, meu biolócus de cunho fronteiriço e, no espectro mais geral do país, brasileiro, projeta-se, então, como uma própria extensão¹¹⁵ da minha corpo-política que hospeda e é hospedada pela imagem discursiva de Silviano e, por extensão, pelas suas reflexões *outras* descortinadas nesses mais de 40 anos de produções críticas e literárias escre(vi)vidas desse Brasil quase que situado como um corpo-ferida que dói e se encontra em sangramento irrestrito. Dessa feita, minhas corpo-geo-políticas, intermediadas pelo mineiro e pela revolta civil e epistemológica endossadas pela gramática da descolonialidade¹¹⁶, são continuidades¹¹⁷ das paisagens políticas coloniais que o Bolsonarismo vem rasgando em nossas sensibilidades re-existent¹¹⁸ aos seus autoritarismos e assimetrias coloniais/imperiais de poder.

Quero entender, portanto, que des-leio o Brasil aqui descortinado cujos paradigmas em curso se construíram e são reiterados a partir de teorias e ideologias vindas de longe (em especial, dos Estados Unidos) por vias dos

139

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/28/interna_politica,1426654/violencia-em-manifestacoes-cria-curto-circuito-na-base-de-bolsonaro.shtml. “Radicalização e violência bolsonarista marcam campanha no Brasil” em <https://www.opendemocracy.net/pt/radicalizacao-violencia-bolsonarista-campanha-brasil/>.

¹¹² STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹¹³ STARLING. Brasil, país do passado, p. 98.

¹¹⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

¹¹⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

¹¹⁶ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

¹¹⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

¹¹⁸ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

modelos modernos escolásticos¹¹⁹ de saber, de ser e, principalmente, de existir. Escre(vi)vo, sobremaneira, a partir de tudo o que se desvela em meu entorno¹²⁰ ensejando um bem-viver e um fazer comunal em aliança com muitos outros que constituo e sou constituído quase que de maneira intercorpo-descolonial. Assim, desejo escre(vi)ver o que eu quero¹²¹ no âmbito da tese de doutoramento que desenvolvo, ainda que eu possua a (auto)reflexão de que não seja possível em sua completude desejante. Entendo que escre(vi)vo a partir de dentro da matriz colonial de poder e dela não consigo me desvincular completamente¹²², ainda que queira, pois, no final das contas, estou preterido a, agora, viver pelo atravessamento do (des)governo Bolsonarista no meu corpo-pensamento, aliado ao sistema capitalista em minha (sobre)vivência e às exigências institucionais modernas que, somados, empurram-me para um entre-lugar de (des)obediência civil e epistêmica, ou seja, um espaço dialético de obediência/desobediência concomitantes.

Ensejo, dessa maneira, projetar-me em uma direção *outra* a fim de me desvincular dos jogos controladores das teorias políticas e das economias norte-americanas e eurocêntricas¹²³, no pluriverso do que Bolsonaro vem realizando em seu (des)governo das semelhanças-e-diferenças¹²⁴ em que se endossam linhas abissais¹²⁵ as quais não fazem outra coisa senão reverberar a figura presidencial e seu movimento ideológico de extrema direita enquanto sintomas da colonialidade europeia e do imperialismo estadunidense enraizados nos trópicos. Diante desse cenário Bolsonarista de autoritarismos implacáveis legitimados pela matriz colonial de poder reverberada por um imperialismo selvagem, cujos propósitos não se direcionam jamais em prezar pelas vidas, mas, sim, torná-las

¹¹⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 18.

¹²⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 18.

¹²¹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

¹²² MIGNOLO. *Colonialidade*, p. 10.

¹²³ MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 287.

¹²⁴ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.

¹²⁵ SANTOS. *Para além do pensamento abissal*, p. 32.

dispensáveis¹²⁶, trago à baila a partir do meu mineiro Silviano, mais uma vez, os seguintes pontos: *como desatar os nós?*¹²⁷, ou melhor, *voltamos a viver no país em que sempre vivemos? O país do pretérito imperfeito?*¹²⁸

Para além disso, questiono-me sobre como desatar os nós coloniais e imperialistas ascendidos em 2018 e em curso atualmente no Brasil, tendo esse país vivenciado outrora momentos políticos menos desiguais através das presidências de Lula (2003 – 2010) e de Dilma Rousseff (2011 – 2016) – sendo essa vítima de um golpe político¹²⁹ articulado, dentre outros, por Jair Messias Bolsonaro – os quais, mesmo com seus problemas governamentais internos, direcionaram-se aos grupos sociais mais vulneráveis no espectro latente das exterioridades brasileiras, em especial, no que se refere aos espaços fronteiriços Norte-Nordeste quase inexistentes no âmbito do que comumente se entende por Brasil, isto é, o binômio Rio-São Paulo. Somando-se a isso, no Bolsonarismo, hoje, reverberado por múltiplas massas reacionárias de brasileiros totalmente desprovidos de quaisquer consciências guiadas por uma ética *outra*, tampouco de consciência de classe, gênero, sexualidade, raça etc., há a presença incontestante daquilo que descolonialmente se denomina de suposta “aparência natural do mundo”¹³⁰.

¹²⁶ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.

¹²⁷ SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

¹²⁸ SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

¹²⁹ Para o cientista político, professor e jornalista André Singer, o golpe acometido à ex-presidenta Dilma Rousseff, justificado através da insígnia de “*impeachment*”, deve-se ao fato de que a governante tentara realizar, nas palavras do referido autor, uma proposta de ensaio republicano limitando esquemas clientelistas predatórios enraizados nos aparelhos estatais brasileiros. Ao fazê-lo, desagradou diversos grupos das elites do país rompendo com o equilíbrio entre os partidos populares, de classe média e do interior. A partir disso, Dilma não pôde sequer contar com o suporte de seu partido político (PT) e dos seus movimentos sociais apoiadores, segundo Singer, sucumbiu a uma crise que não tinha o manejo necessário para enfrentar nem controlar. Aliado a isso, acresço a perspectiva patriarcal, uma das heranças coloniais do Brasil, direcionada à primeira presidenta mulher da República, uma vez que, anos à frente, Bolsonaro estaria elegível de ser impedido por diversas questões (e até crimes) e, mesmo assim, tal ação nunca foi executada. SINGER *apud* BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 219.

¹³⁰ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

Ou seja, os controles políticos de identidades¹³¹ se endossam pela compreensão colonialista de que há uma identidade natural¹³², que se pretende universal, em que ser branco, heterossexual e do gênero masculino são as características essenciais para se construírem identidades semelhantes e, primordialmente, diferenciais¹³³. Essas, no âmbito de suas corpo-geo-grafias políticas das exterioridades, são aquelas tornadas alvos da política branca, heterossexual, masculina e elitizada do Bolsonarismo em execução nesse nosso Brasil do pretérito imperfeito. Dessa forma, a retórica colonial/moderna alcunhada pelo movimento ideológico citado replica um suposto “*senso comum*” alimentado por moralismos, isto é, julgamentos especulativos direcionados às normas de comportamento com base em dicotomias, ou linhas abissais¹³⁴, entre o que tudo aquilo que poderia ser verdadeiro/falso, legal/ilegal, bem/mal etc¹³⁵.

Na égide das dicotomias citadas, evoco a fala do político Bolsonarista Onyx Lorenzoni quando afirma que “Os homens e mulheres que estão aqui são do bem. A turma do mal está do lado de lá.”¹³⁶. A partir disso, o que fica aparente, com base no traço dessas linhas abissais¹³⁷, é justamente o ideal de que a política como guerra¹³⁸ está apregoada nas veias desse nosso Brasil e a ascensão de Bolsonaro inseriu os dedos profundamente em uma ferida ancorada há muito na alma pretérita e imperfeita nacional¹³⁹. Então, na esteira da intelectual Angela Alonso, o Bolsonarismo emerge a partir de uma perspectiva de mundo paralela e abissal¹⁴⁰ ao criar e reproduzir códigos binários que nos dividem entre os

¹³¹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

¹³² MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

¹³³ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

¹³⁴ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

¹³⁵ LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 24.

¹³⁶ LORENZONI *apud* ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹³⁷ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

¹³⁸ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 56.

¹³⁹ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 56.

¹⁴⁰ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 68.

*qualitativos de bem e mal, sagrado e profano, pessoas de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos, nacionalistas e globalistas*¹⁴¹ etc.

Ao fazê-lo, exercitam clivagens simbólicas¹⁴² que simplificam e hierarquizam as múltiplas realidades sociais¹⁴³ e, por extensão, as muitas gentes fronteiriças que nelas habitam, como, por exemplo, eu e Silviano enquanto dissidentes sexuais escre(vi)vendo à luz das nossas corpo-políticas homobiográficas. Articulando esses estereótipos coloniais/modernos administráveis¹⁴⁴, Bolsonaro e seu movimento ideológico endossam sentidos de inserção de determinados grupos que se entendem como “semelhantes”¹⁴⁵ e, por outro lado, reforçam políticas de identidades¹⁴⁶ que estigmatizam¹⁴⁷ e expurgam para a inexistência da exterioridade aqueles tornados “diferentes”, “os outros” da perspectiva descolonial. Dentre os paradigmas que endossam a retórica hegemônica direcionada à sua comunidade moral¹⁴⁸, sobressaem-se *o a suposta homogeneidade*¹⁴⁹, *o nacionalismo beligerante, as moralidades hierarquizadores e, em especial, a argumentação fragmentada, aforística e virulenta enquanto reiteração constante desses binarismos julgadores*¹⁵⁰.

Enquanto comprovação do exposto, menciono alguns dos muitos discursos proferidos pelo (des)governante Jair Messias Bolsonaro, sendo alguns deles, direcionados especialmente à comunidade LGBTQIAP+, a qual tanto eu quanto meu co-partícipe Silviano pertencemos, “Foram quatro [filhos] homens. A quinta

¹⁴¹ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹⁴² ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹⁴³ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹⁴⁴ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹⁴⁵ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹⁴⁶ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

¹⁴⁷ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 52.

¹⁴⁸ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 53.

¹⁴⁹ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 54.

¹⁵⁰ ALONSO. A comunidade moral bolsonarista, p. 53.

eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher” (2017)¹⁵¹, “Para mim [a homossexualidade] é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (2011)¹⁵², “Não existe homofobia no Brasil. [...] 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro” (2013)¹⁵³, “Fui num quilombola em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (2017)¹⁵⁴, “Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do *gay*, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018)¹⁵⁵, “Eu jamais ia estuprar você porque você não merece” (2003 e 2014)¹⁵⁶.

Explicitada a catástrofe anunciada que vem se delineando no Brasil não só a partir de 2018, mas, desde o golpe político à Dilma Rousseff em 2016, não dispenderei meu tempo refutando cada uma dessas imbecilidades atrozes proferidas pelo Messias colonial-imperialista, elas falam por si só. O meu ponto de problematização aqui, especialmente após o questionamento deslindado a partir de Silviano, *como desatar os nós?*¹⁵⁷, é justamente tornar explícito que meu fazer crítico biográfico fronteiro e em minha *práxis vivendi* de homem homossexual escre(vi)vendo à luz do crepúsculo sanguinolento da fronteira-sul do MS pelo atravessamento discursivo do meu Silviano Santiago desde 2017, só pode se direcionar a um lugar: à revolta. Essa, por sua vez, emerge com base no *nosso país do passado*¹⁵⁸ *com um futuro naufragado*¹⁵⁹, *ou melhor, quando o fim é*

¹⁵¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁵² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁵³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁵⁷ SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

¹⁵⁸ STARLING. Brasil, país do passado, p. 70.

¹⁵⁹ STARLING. Brasil, país do passado, p. 80.

*também o começo por via dos fantasmas do presente*¹⁶⁰ *que acabam por cravar, da minha óptica, que o Brasil tem um enorme passado pela frente*¹⁶¹.

A revolta, portanto, é o ponto de partida existencial e epistemológico que me direciona ao lugar crítico biográfico fronteiro de escre(vi)ver o que eu quero e, por isso, cada vez mais tenho me direcionado, tanto no âmbito do Pedro cidadão, sul-fronteiro e homossexual criado pela mãe viúva que me possibilitou entrever a existência de mundos possíveis quanto do pesquisador-professor de literatura, ao prisma da teimosia¹⁶² frente a tudo aquilo e a todos que se dispuseram autoritariamente a definir critérios assimétricos de poder à luz dessa matriz colonial a qual não conseguimos, ainda que queiramos, pensar e/ou escre(vi)ver de maneira extrínseca¹⁶³.

Não à toa se deu minha drástica mudança de projeto de doutorado, em especial, após atravessar o horizonte de desigualdades perfilados pela pandemia de COVID-19 iniciada em 2020. Tendo sido essa, por sua vez, alargada pelo desprezo Bolsonarista às vidas, dado que meu Silviano continuou pulsando em minhas reflexões e escritas. Contudo, retirei-me do lugar de pensá-lo des-biograficamente para me valer de sua formulação inicial de Brasil do pretérito imperfeito a fim de abalizar uma hipótese crítica biográfica fronteira e fundamentar, a partir de uma tese conceitual, uma corpo-geo-grafia política do *nosso* Brasil desvelando a colonialidade e o imperialismo que por essas terras ainda se hospedam encontrando ressonâncias políticas e sociais.

Por isso e não somente, tenho, neste momento, despendido meu pensamento para discutir o *nosso* presente a partir da figura execrável do Messias colonial-imperialista e do seu movimento ideológico cujos paradigmas alimentam cada vez mais essa matriz colonial de poder que nos cerca, sub-humaniza e nos expurga para a quase inexistência frente à suposta “aparência natural do mundo”, outrora aqui problematizada. Sendo assim, só posso escre(vi)ver o que eu quero se o fizer

¹⁶⁰ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 223,

¹⁶¹ FERNANDES *apud* SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 223.

¹⁶² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

¹⁶³ MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

a partir da revolta¹⁶⁴ enquanto uma opção de vida e epistemológica contra a matriz colonial de poder, seus lugares de controle e, por extensão, seus agentes – Bolsonaro, por exemplo – do/no Brasil os quais tomaram para si uma suposta autoridade de (auto)definir a si e aos ditos “outros”¹⁶⁵ com base em critérios diferenciais abalizados pelas diferenças coloniais¹⁶⁶, sendo essas nosso elemento compositivo enquanto “outros” desconsiderados pela “História oficial”¹⁶⁷ que estão tentando não só construir, mas, recontar pelo crivo da revisitação falaciosa da história brasileira.

Nesse ínterim, a revolta se desenha em meu fazer teórico descolonial e pós-abissal e em minha existência fronteira de tentar, cada vez mais, ser gente rodeado de muitas outras gentes pluriversais¹⁶⁸ enquanto um *destino teórico e de vida quase como um espaço biográfico*¹⁶⁹ cujos contornos se constroem discursivamente pelo roçar entre a minha corpo-política homo-biográfica sul-fronteira e a do *meu* mineiro. Mais do que isso, esses destinos estão aqui sendo explicitados pelo crivo das minhas teorizações que, de maneira consciente ou não, atravessam e estão atravessadas por múltiplas *tradições históricas, familiares, estatais, conversas, pensares, dizeres e sentires*¹⁷⁰. Em outras palavras, minha escrita-vivência desnudada nesses termos críticos biográficos fronteiros é *precisamente uma contrarresposta epistêmica aos fundamentalismos*¹⁷¹, das nossas (minhas e de Silviano) atualidades socioculturais, sejam eles pretendidos

¹⁶⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

¹⁶⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

¹⁶⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

¹⁶⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 21.

¹⁶⁸ MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 303.

¹⁶⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

¹⁷⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

¹⁷¹ GROSGOUEL. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais*, p. 457.

*hegemônicos ou mesmo marginais*¹⁷², como o caso do Bolsonarismo aqui problematizado elucida.

Portanto, é ali, justamente nesse lugar conflituoso da revolta que subjaz o surgimento dessa gramática da descolonialidade¹⁷³ enquanto saída epistêmica para que eu possa dar conta do meu desejo pulsante de pesquisador de escre(vi)ver esse *nosso* Brasil do pretérito imperfeito explicitando que suas projeções de futuro não podem ser construídas baseadas nas ruínas das civilizações ocidentais¹⁷⁴, modernas, coloniais e imperiais enfocando seus agentes internos¹⁷⁵ responsáveis pelos processos de racialização. Conceituo-o, então, justamente pela chancela de uma exterioridade fronteiriça, dado que escre(vi)vo a partir de uma universidade periférica (UFMS), de um grupo de pesquisa quase invisível em comparação aos dos grandes centros nacionais (Núcleo de Estudos Culturais Comparados/NECC) e, de maneira primordial, re-existo¹⁷⁶ à luz de um corpo homossexual dissidente em relação ao que se conclamou colonialmente enquanto “ser homem”.

Afiançado por essa revolta corpo-geo-gráfica política e epistemológica, co-partícipe com meu Silviano, tendo em vista que minha conceituação descolonial de um Brasil do pretérito imperfeito emerge de sua primeira formulação em “Nó, nós” (2020), debruço-me agora sobre o que venho conclamando de matriz colonial de poder, em especial, no que se refere à enunciação espaço-temporal aqui situada – um Brasil (des)governado colonial-imperialmente por Bolsonaro e seu Bolsonarismo ascendido em 2018 e ainda em curso em 2022. À maneira que explicitou Walter Dignolo em “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), o conceito citado advém do peruano Aníbal Quijano alcunhado enquanto *pátron colonial de poder*¹⁷⁷ com base em quatro domínios que se atravessam, sendo esses: o controle econômico, da autoridade, do gênero e

¹⁷² GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

¹⁷³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 24.

¹⁷⁴ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

¹⁷⁵ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

¹⁷⁶ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

¹⁷⁷ MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

da sexualidade, do conhecimento e da subjetividade¹⁷⁸. Não à toa, todos os discursos de Bolsonaro outrora citados se relacionam com esses domínios desvelados por Quijano reverberando, mais uma vez, a subserviência Bolsonarista à matriz colonial de poder.

Isso se torna ainda mais palpável quando entrevemos que a gênese *del pátron* se deu a partir de homens brancos e cristãos guiados por uma única forma possível de se relacionar sexualmente¹⁷⁹, ou seja, pelo crivo da normatividade heterossexual a qual Bolsonaro se posiciona quase como um templário direcionado a uma defensiva implacável através de argumentos pseudo universais de valorização tradicional familiar. O uso do singular não é mera opção linguística, dado que seu conceito de família, à maneira dos proponentes *del patrón*, só pode ser concebido de uma única forma (heterossexual) excluindo quaisquer possibilidades pluriversais de construções *outras* parentais. Em suma, o que estou defendendo aqui é justamente o aspecto fundamental de Bolsonaro e, por extensão, do Bolsonarismo, enquanto sintomas de uma matriz colonial de poder que, em certa medida, nunca deixou de existir nesse *nosso* Brasil do pretérito imperfeito, ainda que nos coloquemos no lugar de República “democrática” e pós-colonial há quase dois séculos.

148

Por isso, só posso escre(vi)ver esse *nosso* Brasil, meu, de Silviano e de todas essas múltiplas gentes fronteiriças, através dos termos de uma gramática descolonial afiançada em uma perspectiva *outra*. Ao fazê-lo, coloco-me em uma dupla contracorrente ao Bolsonarismo; primeiro, por me situar em sua contrariedade ideológica absoluta; segundo, por me valer de uma teorização descolonial e, portanto, não ter a necessidade teórica de referendar teorias modernas itinerantes oriundas de um pensamento europeu de esquerda, como o marxismo e o comunismo. Esses são alvos constantes¹⁸⁰ do Messias colonial-

¹⁷⁸ MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

¹⁷⁹ MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

¹⁸⁰ Para Newton Bignotto, Bolsonaro e seu movimento ideológico de extrema direita receiam de uma espécie de comunismo fantasmático “supostamente existente” (entre muitas aspas) no Brasil de hoje e, por isso, enxergam-no em todos aqueles que tensionam quaisquer críticas ao (des)governo em exercício podendo ameaçar sua posição hegemônica privilegiada. Tal qual expus neste trabalho quanto à rememoração de um passado falseado, a questão do comunismo em nossa temporalidade atual se alcunha de maneira semelhante, dado que não há nem nunca houve uma

imperialista, de maneira equivocada tendo em vista sua pujante incompetência intelectual, sempre que se perfilam críticas ao (des)governo desvelando o reduzido universo de conhecimento que possui, pois, para além do já explicitado, guia-se também por políticas de boicote aos saberes críticos, tal qual ilustra Silviano quando afere que “[...] as finanças em declínio entraram de permeio e se constatou a falência da comercialização do livro no Brasil de Michel Temer e de Jair Bolsonaro.”¹⁸¹.

Para finalizar esse parêntesis, o que quero dizer é que escolho uma perspectiva *outra* que me alicerce *naquilo tudo* que me pertence enquanto gente fronteiriça e, em especial, pesquisador descolonial ao me aportar em espaços críticos diferenciais tanto *del patrón* alimentado pelo Bolsonarismo quanto das teorias itinerantes de esquerda que se hospedaram nos trópicos brasileiros. Voltando-me à matriz colonial de poder, Mignolo, no bojo de Quijano, explicita que esses domínios interrelacionados se sustentam, ainda, por duas “pernas” sendo essas os fundamentos raciais e patriarcais¹⁸² dos conhecimentos cujos matizes legitimam as ordens autoritárias dos agentes coloniais¹⁸³, à maneira que venho demonstrando a partir de Bolsonaro e, para além dele, do Bolsonarismo replicado por muitos brasileiros que nos cercam não só nos espaços públicos, mas, também nos privados, como nas famílias, nas rodas de amigos, colegas de trabalho etc.

Ademais, os intelectuais citados corroboram ainda que o fundamento primordial da matriz colonial de poder, e do seu enraizamento nas sociedades ocidentais, foi, como condição *sine qua non*, o teológico vis-à-vis à egopolítica¹⁸⁴ em contraponto latente às corpo e geo-políticas, especialmente, das exterioridades.

tentativa minimamente real de instaurar qualquer regime político desse caráter nestas terras tupiniquins, nem mesmo durante governos à esquerda, como os de Lula e Dilma. Valendo-me das palavras de Bignotto, entrevejo que *é absolutamente exterior à realidade material comparar, por exemplo, o PT a partidos comunistas tradicionais ou mesmo às forças das esquerdas radicais*. BIGNOTTO. O Brasil à procura da democracia, p. 236.

¹⁸¹ SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

¹⁸² MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

¹⁸³ MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

¹⁸⁴ MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

Em resumo, o cenário que se desenha é, no mínimo, contraditório, mas entendível se partirmos do ponto de vista que o Bolsonarismo e seus defensores são sintomas de uma colonialidade/imperialismo que também os afeta – ainda que não possuam a (auto)reflexão disso. A princípio, é contraditório, pois Bolsonaro (des)governa um país terceiro-mundista localizado geoistórico e epistemologicamente no arrabalde do Sul global¹⁸⁵ e, por esse fato, habita uma posição periférica e desprivilegiada em relação ao Norte, a exemplo, dos Estados Unidos, país o qual Bolsonaro era um devoto escancarado no que convinha ao ex-presidente Donald Trump e sua política imperialista.

Segundo, é compreensível se nos voltarmos à gênese *del patrón* à luz de seus agentes internos, dado que, como Bolsonaro, esses também eram homens brancos, cristãos e heterossexuais, contudo, diferente do ignóbil que nos (des)governa, formularam seus paradigmas internos, modernos, coloniais e imperialistas a partir de sua condição interna de *humanitas* a fim de reverberá-la diferencialmente pelo crivo da alteridade dos supostos “outros” (*anthropos*), a qual Bolsonaro, queira ou não, também está incluso, ainda que disso talvez nunca tenha o sobressalto da (auto)reflexão. Ou seja, o então presidente da República acaba por alimentar e replicar premissas coloniais e imperialistas aquilatadas por imagens do sofrimento humano de maneira sistêmica e injusta desenvolvidas pelo capitalismo global¹⁸⁶, coadunado pelo colonialismo ainda imperante, ou então, por reiterar o lado mais obscuro e abissal da modernidade não só invisibilizando, mas levando cada vez mais para as bordas os lados assujeitados e racializados mais esquecidos e vilipendiados pelos poderes Estatais e suas instituições¹⁸⁷.

Em suma, Bolsonaro é um sintoma do próprio sistema que o criou, que hoje o sustenta e que é *pari passu* alimentado por sua política colonial e imperialista de desprezo às vidas, às sensibilidades, aos corpos, às histórias locais, às instituições, aos saberes acadêmicos e à compreensão mínima de Estado democrático. Assim, dado esse cenário de contradições e reiteraões, justifica-se o intento de Silviano ao afirmar que *para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição*¹⁸⁸.

¹⁸⁵ MENESES; SANTOS. Introdução, p. 23.

¹⁸⁶ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

¹⁸⁷ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.

¹⁸⁸ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

Alargando essa premissa, meu mineiro me é necessário para que eu traga a esta cena enunciativa não só o já comentado fato de que o (des)governo em questão não se comporta como um presidente que respeita as leis, a Constituição, tampouco, as formas em apresentações ou declarações públicas¹⁸⁹. Mas, para além desse óbvio cenário, dadas as características autoritárias aqui sumarizadas, segundo meu aliado, *para Bolsonaro a Bíblia tem peso maior que a Constituição*¹⁹⁰.

Em discurso de 2017 em um evento na Paraíba para seus apoiadores, o Messias colonial-imperialista reforçou mais do que nunca sua subserviência ao fundamento teológico *del patrón*: “Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as maiorias.”¹⁹¹ e, não satisfeito, complementou “As minorias têm que se curvar às maiorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”¹⁹². Ademais, no mesmo campo semântico colonial dos discursos anteriores, reproduzo abaixo o *slogan*¹⁹³ da campanha política de Jair Messias Bolsonaro em 2018:

¹⁸⁹ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

¹⁹⁰ Silviano formula sua assertiva crítica a partir do fato de que Bolsonaro se contrapôs à decisão do Superior Tribunal de Justiça ao equiparar o crime de homofobia ao de racismo. Para o presidente em exercício, o próximo juiz da Corte Suprema teria de ser um evangélico, pois, um juiz com essa característica teológica guiando suas decisões se abalizaria na Bíblia para fundamentar sua recusa à legitimação legal da homofobia enquanto crime, dado que o texto religioso citado condena veemente as práticas sexuais dissidentes, como as minhas e as de Silviano. SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

¹⁹¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁹² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁹³ Heloisa Murgel Starling, em “Brasil, país do passado” (2022), relembra-nos que o emprego do *slogan* presidencial de Bolsonaro nas eleições de 2018 não é recente. Sua utilização já havia se dado na *Revista Veja*, em 1986, a partir de um artigo publicado por ele intitulado “O salário está baixo”. À época, o veículo de comunicação citado era o de maior circulação nacional e tal ato de indisciplina desencadeou sua prisão por transgressão disciplinar e hierárquica, ainda que tenha o projetado para o país. Contudo, há um elemento histórico pontuado por Heloisa em relação ao *slogan* que não posso ignorar. Segundo a intelectual, o bradejar “Brasil acima de tudo” foi influenciado pela canção nacionalista alemã “*Das Lied der Deutschen*” (“A canção dos alemães”), composta em 1841 por August Heinrich Hoffmann, com base no trecho que diz “*Deutschland über alles*” (“Alemanha acima de tudo”). *A posteriori*, em 1930, houve uma apropriação da música



Figura 1 – *Slogan* da campanha política de Bolsonaro nas eleições de 2018

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/5/55/Campanha_Bolsonaro.jpg

Em face às retóricas teológicas abalizados pela matriz colonial de poder e reproduzidos nas falas e no *slogan* de Bolsonaro, interpola-se o corolário de re-existência do escritor e intelectual mineiro quando assevera que *ao falar de resistência contra ditadura, na realidade, está se referindo não a iminência do golpe de 1964, mas, sim, ao presente*¹⁹⁴. Então, só podem oferecer re-existência política aqueles corpos que (sobre)vivem a partir do que Silviano denomina de inconveniência cujo ponto fulcral de elaboração crítica se aquilata a partir golpe

152

citada pelos nazistas que se valeram de sua primeira parte (“Alemanha acima de tudo”) acrescentando-a aos versos do hino do partido e, por extensão, às suas saudações nazistas. Em resumo, o que Heloisa argumenta é que a conexão entre a canção de 1841 e o partido nazista alemão é inevitável e irreversível. E, no que se imbrica ao recorte temático deste trabalho, de alguma forma com o Bolsonarismo enquanto movimento ideológico de extrema direita. Para a autora, “‘Brasil acima de tudo’ está no núcleo da utopia regressiva. Carrega uma rede de correlações, revela pontos de encontro do reacionarismo e recoloca em contexto histórico as referências ao nazismo que estão profundamente cravadas no imaginário brasileiro.” STARLING. Brasil, país do passado, p. 109-110.

¹⁹⁴ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

de 1964, a ditadura militar a qual Bolsonaro possui um apreço e uma admiração inegáveis. Quanto a isso, ele mesmo assevera: “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016)¹⁹⁵, “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff [...] o meu voto é sim” (2016)¹⁹⁶ e “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999)¹⁹⁷ –reproduzo abaixo em nota de rodapé o desenvolvimento do discurso pró-golpe (2016) do Messias à Dilma Rousseff¹⁹⁸.

Quanto à correlação entre os discursos e as práticas coloniais desvelados pela reverência de Bolsonaro a práticas e sujeitos autoritários, a conceituação descolonial de matriz colonial de poder nos ajuda a entender que a própria lógica administrativa de sua gênese interna, arraigada por uma estrutura lógica que rasura a totalidade das civilizações ocidental, já se expandiu para além dos homens brancos, heterossexuais do Norte global que a criaram pelo crivo de sua interioridade de *humanitas*. E é justamente aí que se justifica minha problematização de Bolsonaro enquanto sintoma colonial e imperialista *del patrón* na posição de agente de degradação do tecido social plurilógico¹⁹⁹ e dos preceitos

¹⁹⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁹⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

¹⁹⁸ “Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história dessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa Casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo. Pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, meu voto é sim!”. BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28-29. No bojo do discurso citado, evoco algumas considerações do jornalista Fernando de Barros e Silva: “Em poucos segundos, Bolsonaro estabeleceu a conexão histórica entre os dois golpes (1964-2016) – o primeiro militar, o segundo, jurídico-parlamentar –, como se desenhasse uma moldura para homenagear o centro do quadro o ‘pavor de Dilma Rousseff’. Ao acrescentar esse apostrofo ao nome do torturador, o deputado de alguma maneira fez reviver a própria tortura, num exercício de sadismo de que pouca gente é capaz. De forma provavelmente inédita no Congresso Nacional desde o fim do regime militar, estavam sendo atiradas no lixo a democracia como experiência histórica e a democracia como ideia e referência fundamental da vida política.”. SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

¹⁹⁹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

mínimos de Estado democrático. Diante dessa definição de matriz colonial de poder correlata às *práxis* Bolsonaristas, suas semelhanças se tornam ainda mais latentes e sobressalentes quando as lemos pelo crivo dos nós histórico-estruturais heterogêneos.

Em suma, os nós supracitados são os responsáveis pela construção e execução *del patrón* e se conectam pela “/” (barra) que, ao mesmo tempo, separa-aproxima as definições descoloniais de modernidade²⁰⁰ e de colonialidade. Ademais, operam também nas correlações entre leis imperiais e regras coloniais, bem como entre a dicotomia centro/periferia²⁰¹ sendo esses os fundamentos básicos de uma construção global abissal endossada por preceitos oriundos da matriz colonial de poder e, por extensão, da sua lógica perversa de reiteração pseudo universal da dita “aparência natural de mundo”²⁰². Assim, faz-se necessário pontuar que os nós histórico-estruturais estão, como condição *sine qua non*, interligados e, por essa razão, não atuam de maneira independente um do outro²⁰³. Em outras palavras, conectam-se através da lógica colonial/moderna que *gera, reproduz, altera e mantém hierarquias que se conectam mutuamente*²⁰⁴.

Dentre os múltiplos nós os quais Walter Mignolo se debruça sobre na esteira de Aníbal Quijano, lança luz àqueles que atravessam não só esse nosso Brasil do pretérito e presente imperfeitos, mas, de maneira primordial, àqueles que permeiam nossa carne homo-biográfica, a minha e a de Silvano, enquanto homens *gays* escre(vi)vendo, hoje, em 2022, a partir desse biolocus quase inóspito

154

²⁰⁰ No que compete a este trabalho, compreendo a modernidade não enquanto um momento histórico a partir do qual nós assujeitados-fronteiriços não podemos nos desvincular. Pelo contrário, descolonialmente, nossa compreensão se dá pelo crivo de que sua formulação se deu com base em histórias locais do Norte global as quais foram convertidas em projetos globais de dominação se tornando, portanto, uma narrativa criada em um lugar e por pessoas específicas que tomaram para si o lugar de falar e classificar “todo o resto do planeta”, especialmente o Sul global. Modernidade, aqui, é o outro lado da colonialidade, uma se imbrica, ou até mesmo se mascara, na outra operando, portanto, conjuntamente. Tais reflexões emergem a partir do texto “Desafios decoloniais hoje” (2017) de Walter Mignolo.

²⁰¹ MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

²⁰² MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

²⁰³ MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

²⁰⁴ MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

e (des)governado chamado Brasil. A citar, menciono a formação racial global²⁰⁵, o sistema interestatal político-militar²⁰⁶ governado por uma elite de homens brancos, heterossexuais e cisgênero, uma hierarquia racial/étnica²⁰⁷ mundial que privilegia os habitantes do Norte global em detrimento dos *suleados*, as distinções entre gênero/sexo que colocam os homens em sobreposição às mulheres²⁰⁸ replicando a premissa patriarcal que impera por esses lados periféricos e fronteiriços, as criações das categorias de “homossexualidade” e “heterossexualidade”²⁰⁹ a fim de perpetuar relações sexuais desiguais e, por fim, as diferenciações espirituais/religiosas as quais sobrepõem matrizes cristãs em relação àquelas não-cristãs²¹⁰.

Descortinado esse contexto abissal de múltiplas assimetrias de poder nos mais variados âmbitos sociais, culturais, políticos, econômicos, raciais/étnicos, sexuais, de gênero e religiosos, rememoro não só o argumento teológico Bolsonarista a partir do meu mineiro Silviano, mas, principalmente, os diversos discursos proferidos pelo Messias colonial-imperialista os quais não nos restam dúvidas a quem esse período histórico (2018-2022) Bolsonarista está a serviço. Não à toa, Silviano explicita em suas falas e escritos que as possibilidades de resistência que sua produção intelectual projeta se destina ao nosso presente e não necessariamente ao passado²¹¹, por isso penso não apenas em um pretérito imperfeito, mas, também, em um presente imperfeito. Esse apontamento se torna ainda mais coerente, em especial, nesse nosso Brasil, quando Silviano explicita que *as formas de sair do armário são muito mais amplas do que se pensa, pois significam, de alguma forma, não ter vergonha de ser bicha, negro ou negra, travesti, indígena ou ter qualquer outra diferença e se mostrar enquanto tal*²¹².

²⁰⁵ MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

²⁰⁶ MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

²⁰⁷ MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

²⁰⁸ MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

²⁰⁹ MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

²¹⁰ MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.

²¹¹ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

²¹² SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

Aproximando os termos de Silviano à gramática da descolonialidade e, por extensão, aos conceitos críticos biográficos fronteiriços que abalizam este trabalho, entrevejo que ao Bolsonaro afirmar “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, tal qual exposto pelo seu *slogan* outrora reproduzido, perfila-se, de maneira explícita aos meus olhos de pesquisador fronteiriço, a crença teológica, salvífica e pseudo messiânica de que existe um único espaço de experiência²¹³ endossado por um único horizonte de expectativas²¹⁴ que corrobora a lógica colonial/moderna de que *isso é benéfico para todos*²¹⁵. Em termos específicos no que convém ao Bolsonarismo, desenha-se o viés pulsante do pensamento abissal de que há uma única diretriz possível a ser seguida e que essa está acima de qualquer coisa.

Em suma, essa abstração que se quer universal de um *Deus Bolsonarista* e, por extensão, todos os múltiplos nós-históricos estruturais que essa condição carrega consigo são os fios condutores de um (des)governo que se direciona *apenas* aos seus seguidores e defensores. Ou seja, pessoas não-cristãs, por exemplo, não possuem, por vias desse paradigma teológico e colonial, lugar de direito no âmbito do suposto tecido democrático e social que vem se degradando desde 2016. Para além disso, tendo em mente que o argumento teológico cristão, principalmente, católico e neopentecostal, foi e continua sendo o principal norteador dos processos colonizatórios e, de alguma forma, da matriz colonial de poder que ainda impera no mundo e no Brasil, a nós, homossexuais, aos negros e negras, indígenas, não-cristãos etc. só resta o expurgo e a invisibilidade da exterioridade.

A exemplo dessa premissa colonial de um *Deus Bolsonarista* acima de todos, Silviano, em “‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’” (2019), menciona dois fatos políticos que ocorreram em detrimento à perseguição Bolsonarista a esses sujeitos racializados, em específico, no que tange à sub-humanização pelo crivo da sexualidade. Os exemplos discutidos pelo meu mineiro são referentes à Marielle Franco e a Jean Wyllys²¹⁶, sendo essas duas figuras

²¹³ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 120.

²¹⁴ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 120.

²¹⁵ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 120.

²¹⁶ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

políticas e dissidentes sexuais as quais, de formas distintas, foram perseguidas pela teologia Bolsonarista e suas práticas abissais de racialização. Em 2018, Marielle e seu motorista foram assassinados a sangue frio, enquanto, em 2019, Jean foi obrigado a se exiliar, tendo em vista as ameaças que colocavam em risco não só sua integridade física, mas, primordialmente, sua vida.

Nesse sentido, Silviano, no que convém aos políticos citados, elabora justamente esse lugar de inconveniência²¹⁷ política e sexual a qual ambos ocupavam, sendo ela bissexual e ele *gay*. O que quero dizer nos termos da crítica biográfica fronteira é, de maneira contumaz, que a formulação teológica do Bolsonarismo, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, carrega em sua gênese e organização interna aquilo que descolonialmente empreendemos enquanto o jogo colonial entre egopolítica e teopolítica. Ou seja, a nós, corpos da exterioridade, fronteirizos, habitando os entre-lugares da (sobre)vivência, restamos apenas a opção crítica de não só resistir, mas, primordialmente, re-existir²¹⁸. Isso implica aprender a desaprender para re-aprender²¹⁹ todo o argumento teológico o qual o Bolsonarismo vem apregoando por essas terras desde seu surgimento, ascensão e enraizamento social.

Escre(vi)ver a partir da condição geoistórico e epistemológica fronteira, habitando uma corpo-política sexual dissidente e, de maneira não menos importante, pensando com base em uma teorização de matiz crítico biográfico fronteiro implica, nesse Brasil (des)governado pela imagem de um *Deus Bolsonarista*, o lugar da inconveniência²²⁰ proferido por Silviano nos múltiplos âmbitos que minha existência permeia. À maneira de Marielle, Jean e Silviano e aquilatado em uma proposta civil-epistêmica de re-existência²²¹, desvelo essa lógica colonial imperante no Brasil Bolsonarista a fim de pensar em possibilidades pluriversais de futuros igualitários, sendo esses as possibilidades mais distantes de tudo o que o (des)governo em curso vem descortinando nos

²¹⁷ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

²¹⁸ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

²¹⁹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

²²⁰ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

²²¹ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

últimos anos. Há que se pensar em um conceito de país em que figuras políticas mulheres, negras, periféricas e sexualmente dissidentes não sejam assassinadas, tampouco que políticos *gays* precisem se exilar para sobreviver.

Atravessado pela problematização da *práxis* colonial hegemônica reproduzida por Bolsonaro e seus templários, trago à tona novamente alguns discursos realizados pelo atual presidente no intuito de, a partir da exposição do meu Silviano sobre a inconveniência²²² do/no (des)governante, descortinar a política de morte que circunda nosso espaço-tempo do presente. No ano de 1999, em entrevista à TV Bandeirantes²²³, o dito Messias afirmou que “[...] para resolver os problemas do Brasil só matando 30 mil.”²²⁴, além disso, defendeu a proposta de que fechassem o Congresso Nacional²²⁵ e incentivou o início de uma guerra civil ensejando, nas suas palavras, executar um trabalho que o regime militar não fez²²⁶. E, não sendo suficiente, ainda pleiteou a ideia de que o primeiro alvo a ser executado²²⁷ haveria de ser o presidente da República da época aferindo que “Começando com FHC [Fernando Henrique Cardoso]. Não deixar ele de fora não. Matando!”²²⁸ e continuou “Vão morrer alguns inocentes. Tudo bem. É assim mesmo, em tudo quanto é guerra morre inocente.”²²⁹.

Transcorridos quase vinte anos dessas declarações aportadas na morte enquanto exercício do político, às vésperas das eleições de 2018, mais precisamente uma semana antes de sua vitória iminente, Bolsonaro discursava em transmissão para manifestantes reunidos na Avenida Paulista em São Paulo²³⁰ reverberando um cerne ideológico semelhante ao do proferido em 1999 à TV

²²² SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

²²³ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²²⁴ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²²⁵ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²²⁶ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²²⁷ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²²⁸ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²²⁹ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²³⁰ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

Bandeirantes²³¹. Isto é, direcionado à perseguição, à violência e ao expurgo como arma de dominação e manutenção do poder em âmbito nacional. No momento referendado (2018), Bolsonaro afirmou, dentre diversos outros absurdos, falas como “Lula, você vai apodrecer na cadeia.”²³², “A faxina agora será mais ampla.”²³³, “Será uma limpeza nunca vista na história do Brasil.”²³⁴, “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria.”²³⁵, “Vocês verão umas Forças Armadas ativa.”²³⁶, “Bandidos do MST, bandidos do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como terrorismo.”²³⁷, “Petralhada, vai tudo pra ponta de praia”²³⁸.²³⁹ e “O Brasil não será motivo de chacota junto ao mundo.”²⁴⁰.

Na esteira do exposto através da retórica de morte, reacionária e povoada pelas polarizações das linhas abissais²⁴¹, concebo que no Bolsonarismo tudo transpira, alimenta e replica o ódio²⁴² se assemelhando à última potência com regimes autoritários, ainda que no seio de uma dita “democracia” que se pretende ser realmente efetiva, mesmo que não o seja em sua totalidade. Nessa seara, os elementos virulentos citados, *faxina, limpeza, marginais, banidos, apodrecer,*

²³¹ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²³² BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³³ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³⁴ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³⁵ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³⁶ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³⁷ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³⁸ De acordo com o jornalista Fernando de Barros e Silva, “ponta de praia” era o nome dado ao lugar localizado no Rio de Janeiro utilizado para desovar os cadáveres de todos aqueles que se opunham e, por extensão, ofereciam re-existência à ditadura militar iniciada a partir do golpe de 1964. SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²³⁹ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²⁴⁰ BOLSONARO *apud* SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²⁴¹ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

²⁴² SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

*bandidos, petralhada*²⁴³ etc., carregam e evocam em sua significação o lugar moderno/colonial hegemônico de que o dito Messias não discursa tal qual um candidato, à época, à presidência da República, mas, sim, enquanto um *torturador que hoje governa como miliciano, não um estadista*²⁴⁴. Nesse intento, só posso des-ler as celeumas do meu espaço-tempo, à maneira que aqui venho delineando assentado na crítica biográfica fronteira, se o fizer a partir da perspectiva da fronteira²⁴⁵ de que não há apenas uma verdade, quicá universalidade²⁴⁶, política ou não, mas projetos, cosmologias e sensibilidades de mundos pluriversais²⁴⁷ que contemplem as multiplicidades de existências por essas terras tupiniquins.

No bojo dessa formulação *outra* está o empreendimento crítico proferido por Juliano Garcia Pessanha de que a *teoria é um sintoma do homem*²⁴⁸. Descolonialmente, vou além, não só a teorização é o meu sintoma de homem que escre(vi)ve a partir de um corpo homo-biográfico e à luz de uma fronteira-sul que é tanto geoistórica quanto epistemológica, mas, hoje, a partir da tese conceitual que desenvolvo, percebo que a política é um sintoma da realidade a qual estou inserido e que me atravessa cotidianamente, como ignorá-la? Em suma, há um presente e um passado imperfeitos que me tomam de sobressalto despertando em mim e na minha relação crítica com Silviano uma revolta sociopolítica e um desejo de conter a degradação democrática que vem se desenhando frente aos meus olhos desde o golpe sofrido por Dilma Rousseff, passando pela prisão inconstitucional de Lula em 2018 e, na sequência, com a vitória do Bolsonarismo (2018). Ao meu fazer epistemológico, só resta re-existência²⁴⁹ em relação a esses paradigmas de matiz hegemônico apreçados na premissa basilar do

²⁴³ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²⁴⁴ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 29.

²⁴⁵ GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

²⁴⁶ GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

²⁴⁷ GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.

²⁴⁸ PESSANHA. *Ignorância do sempre*, p. 105.

²⁴⁹ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

Bolsonarismo de que *seu Deus colonial* e suas leis ego e teopolíticas estariam acima de qualquer coisa. Ao pseudo messianismo explicitado, só posso oferecer re-existência e des-aprendizagem descolonial, nada menos que isso.

Assim sendo, no plano da crítica biográfica fronteiriça e, por extensão, de uma proposta contra-abissal²⁵⁰ atravessada por um paradigma *outro*²⁵¹, de cunho descolonial, entrevejo que os desdobramentos Bolsonaristas em curso no Brasil se direcionam para uma única via: a construção/endosso de linhas abissais²⁵² que (de)marcam lugares legitimados de existência ou de inexistência²⁵³ em múltiplos âmbitos sociais. Esses, por sua vez, são possibilitados pelo que venho teorizando enquanto matriz colonial de poder cujas estruturas hegemônicas sustentam espaços de segurança ou de insegurança àqueles que se posicionam a favor ou contra às políticas atuais, respectivamente – a exemplo do que mencionei em relação à inconveniência política discutida por Silviano a partir de Marielle Franco e de Jean Wyllys.

Partindo desse princípio colonial quase que cartográfico de (de)marcar assimetrias de poder, reafirmo que o Bolsonarismo reverbera a premissa abissal deslindada por Boaventura de Sousa Santos de que *existe um universo deste lado da linha e um outro do lado de lá*²⁵⁴. Com isso, cria-se uma configuração social, política, cultural, econômica, sexual, de gênero, racial, étnica, religiosa, epistêmica etc. em que o lado de lá (o que se entende por assujeitamento ou racialização) se dissipa enquanto realidade possível se transfigurando em inexistência²⁵⁵, ou melhor, produzido enquanto tal através dos paradigmas autoritários dos agentes políticos da matriz colonial de poder, em outras palavras, por meio dos nós histórico-estruturais os quais já discuti a partir de Walter Mignolo. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, proferido pelo Messias colonial-imperialista, serve-nos exemplarmente para demonstrar como essas

²⁵⁰ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

²⁵¹ MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana, p. 19.

²⁵² SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

²⁵³ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

²⁵⁴ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

²⁵⁵ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

premissas abissais vêm operando nesse nosso Brasil do pretérito e, mais do que nunca, presente imperfeitos.

Então, explicito que dentre as múltiplas faces coloniais do Bolsonarismo, sua obsessão por (de)marcar semelhanças-e-diferenças²⁵⁶ acaba por descortinar o conceito abissal de inexistência que não quer dizer outra coisa senão apregoar em nossas carnes de *anthropos* o corolário de que enquanto inexistentes, *não existimos enquanto relevantes ou compreensíveis*²⁵⁷ para o país. Ou melhor, ao sermos tomados pelo chancelar da inexistência, somos excluídos radicalmente das realidades políticas possíveis por pertencemos ao espectro colonial dos “outros”²⁵⁸. Em suma, o que o Bolsonarismo perfila colonialmente é esgotar os campos pluriversais de realidades possíveis obliterando quaisquer formas de co-presenças e se guiando apenas pelo engaste da invisibilidade e da ausência²⁵⁹. Nessa seara, o que a lógica perversa²⁶⁰ do Bolsonarismo faz em território brasileiro é, ideológico-politicamente, distorcer, desfigurar, destruir²⁶¹ e marginalizar²⁶² não só os passados históricos existentes, mas, sobremaneira, nosso

²⁵⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.

²⁵⁷ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

²⁵⁸ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

²⁵⁹ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32

²⁶⁰ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 103.

²⁶¹ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 103.

²⁶² No plano da distorção perpetrada por Bolsonaro e seu movimento ideológico, tensiono à problematização deste trabalho crítico biográfico fronteiriço o defendido por Walter Mignolo no plano das *fake news*. Para o argentino, as *fake news* mascaram, mantêm e entretêm os paradigmas de controle escondidos pela retórica da modernidade. Com isso, ocorre a coibição de questionamentos tais como os “por quês”, os “o quês” e os “como”; baseado nesse cenário, emerge o que Mignolo conclama de pós-verdade. Essa, por sua vez, convoca o preceito de que em algum momento a verdade seria “verdadeira” e seria desvirtuada pelo enviesamento de preceitos ideológicos hegemônicos. Contudo, sinaliza-se que, intermediado pela perspectiva da colonialidade do pensar, o conceito de verdade na cosmologia ocidental sempre se deu atravessada por um *modus operandi* de encobrimento da colonialidade. Na seara da noção moderna de “verdade”, o intelectual a aloca em duas esferas: primeiro, ao se interconectar com algo que se diz (referencialidade), segundo, se aquilo que foi falado corresponde ou não com a “sinceridade” (o que, verdadeiramente, criaria-se) daquele que afirma determinada questão. Ademais, para Mignolo, no bojo de uma cosmologia que preza como condição *sine qua non* pelas riquezas (e não um bem-

presente fazendo com o que as marcas coloniais, as quais nunca deixaram de existir, continuem sendo reiteradas à exaustão.

De maneira não-coincidente, Silviano afirmou em 2019 em entrevista²⁶³ a um jornal de Buenos Aires que seus escritos se direcionam à possibilidade de resistência às ditaduras do presente e não às do passado como poderia se supor *a priori*. Meu mineiro, ainda que não aportado em uma epistemologia de caráter descolonial, envolve-se de uma compreensão *outra* da realidade imperfeita, enviesada politicamente à direita, que nos cerca. A partir disso, valho-me de suas formulações somadas aos matizes críticos biográficos fronteiriços para conceituar o Brasil pelo plasmar de suas imperfeições pretéritas e, de maneira mais tangível ao hoje, imperfeições do presente. *Grosso modo*, entrevejo que as múltiplas faces do Bolsonarismo descortinam justamente o que Walter Mignolo conclamou de *versão atual do capitalismo, uma globalização neoliberal que não faz outra coisa senão (re)manejar de maneira potente os ideários da matriz colonial de poder*²⁶⁴.

Por isso, só posso dar conta de fazer o que propus em minha tese de doutoramento, se o fizer pela chancela de um pensamento crítico de fronteira²⁶⁵, dado que tal teorização se engasta pelas discussões que atravessam as diferenças coloniais e imperiais²⁶⁶, pois ambas, no Bolsonarismo, compartilham duas faces de uma mesma moeda política abissal. Pensar em futuros brasileiros, então, pressupõe se deter à ideia de que não se pode ensejá-los pelo crivo da manutenção de *apenas um estilo de vida*²⁶⁷, esse é um dos objetivos do Bolsonarismo, há que se prezar, como condição *sine qua non*, em projetos políticos de libertação descolonial²⁶⁸ nos mais diversos âmbitos desse muitos *Brasis* que co-existem à

viver comunal), egopolíticas e as vitórias individuais (descoladas completamente do compartilhamento igualitário com todas as formas de existências humanas ou não), a “verdade” não seria outra coisa que um elemento constitutivo da retórica da modernidade. MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 30-31.

²⁶³ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

²⁶⁴ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 102.

²⁶⁵ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 123.

²⁶⁶ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 123.

²⁶⁷ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 125.

²⁶⁸ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 125.

revelia do (des)governo em exercício. Pelo atravessamento de Mignolo, de Silviano e das minhas próprias experivivências de pesquisador homossexual e descolonial escre(vi)vendo à luz da fronteira-sul, só posso pensar em futuros que sejam comunais e longínquos às garras hegemônicas das elites que se (auto)proclamaram enquanto as vozes unilaterais de tudo e de todos²⁶⁹.

À maneira que aferiu Mignolo, *já tivemos o suficiente nesses quinhentos anos de história de extremismos político-econômicos*²⁷⁰, contudo, vou além, já experienciamos, a contragosto, não só esses 500 anos de hegemonias coloniais, modernas e imperialistas, mas, sua continuidade através do Bolsonarismo e, a ele, só nos resta o lugar de re-existência²⁷¹ em todas as suas formas possíveis. Já disse e repito: nossos futuros não podem, de maneira alguma, serem pensados à luz das ruínas²⁷² do nosso próprio país. Uma das saídas, talvez, seja nos voltarmos menos para teorias itinerantes hospedadas nos trópicos e mais para as cosmologias e pensamentos indígenas que nos possibilitam horizontes *outros* de futuros pluriversais alocados na contraposição a um modelo universal²⁷³, tal qual o Bolsonarismo vem desenhando por vias de suas ego e teopolíticas (auto)centradas.

Em outras palavras, o que estou afirmando é que as cosmologias dos povos originários podem nos ajudar a aprender a desaprender para re-aprender²⁷⁴ nosso Brasil, meu, de Silviano e de todos os muitos que aqui habitam, abalizados epistêmico-civilmente por *modus operandi e vivendi* de re-existência²⁷⁵. Isto é, futuros brasileiros, sim, no plural, que se pretendam realmente “democráticos”, não-imperiais, não-violentos²⁷⁶ e, de modo primordial, anticoloniais. Naturalizemo-nos através de nossas cosmologias originárias indígenas ao invés de

²⁶⁹ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 125.

²⁷⁰ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 125.

²⁷¹ MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

²⁷² MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 290.

²⁷³ MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 228.

²⁷⁴ MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 229.

²⁷⁵ MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

²⁷⁶ MIGNOLO; TLOSTANOVA. *Learning to unlearn*, p. 229.

nos modernizarmos por vias de paradigmas coloniais e imperialistas tão caros ao Bolsonarismo. A partir disso, rememoro o empreendido por Silviano: *voltaremos a viver na nação em que sempre vivemos? O país do pretérito imperfeito?*²⁷⁷, mais do que isso, *como desatar os nós?*²⁷⁸. A resposta que ofereço aos questionamentos apostos só pode ser dada pelo crivo de uma perspectiva pós-abissal, fronteira e descolonial.

Ou seja, para desatarmos os nós da matriz colonial de poder imperante no Brasil do pretérito/presente imperfeitos, principalmente, pela chancela do Bolsonarismo ascendido e hoje enraizado, precisamos, no bojo de Santos, *aprender que existe o Sul, irmos para o Sul, aprender a partir dele e com ele*²⁷⁹. Isso implica o que explicitarei pela insígnia das cosmologias indígenas, precisamos nos voltar para nós e para os nossos, a exemplo, o que venho fazendo com Silviano desde 2017, pensando minhas próprias sensibilidades homo-biográficas e histórias locais fronteiriças pela relação co-partícipe com um aliado que, de maneira parecida e distinta ao mesmo tempo, compartilha dores e feridas coloniais similares as quais se esparramam em nossas escritas-vivências.

Somado a isso, impõe-se uma teorização de matiz descolonial cujas esferas críticas me permitem trazer à voga epistêmica aquilo que foi expurgado pelos colonialismos imperantes nos trópicos e, em específico, no Brasil de 2022, como as possibilidades de realidades co-existentes descortinadas pela multiplicidade dos pensamentos indígenas. O Sul, em minha teorização entremeada pelo meu mineiro Silviano e suas injunções abertas ao pós-colonial, concebe-se enquanto o *espaço de desafios epistemológicos que angariam explicitar e (tentar) reparar os danos, as marcas e os impactos históricos perfilados pelo capitalismo entremeado pela colonialidade disseminada no planeta dito globalizado*²⁸⁰. Nesse intento, se outrora afirmiei aqui que mais do que *a teoria ser um sintoma do homem*²⁸¹, a

²⁷⁷ SANTIAGO. Nó, nós, p. 173.

²⁷⁸ SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

²⁷⁹ SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 15.

²⁸⁰ SANTOS *apud* MENESES; SANTOS. Introdução, p. 19.

²⁸¹ PESSANHA. *Ignorância do sempre*, p. 105.

política ser um sintoma da minha realidade, agora percebo que *faço teorização para viver e não o contrário*²⁸².

Em termos específicos, só no bojo da minha teorização crítico-biográfica fronteiriço alcunhada no seio da minha tese de doutoramento atravessada por Silviano e pelo nosso Brasil imperfeito, posso dar conta de tentar resolver as demasiadas celeumas que o Bolsonarismo apregooou em mim e em minha revolta civil-epistêmica. Então, *escavo maneiras de com-viver politicamente pelo meu crivo teórico que se quer desprendido das razões políticas*²⁸³ aqui difundidas, em especial, nos termos da lógica Bolsonarista colonial que nos toma de sobressalto diariamente. Volto-me para *tudo aquilo* que as ego e teopolíticas vêm desprezando há muito, isto é, *um mundo de exterioridades cujo espaço resguarda vozes, gentes, línguas e corpos intercorporados e interculturados os quais criam sentires e saberes possibilitados*²⁸⁴ por um paradigma outro de entre-ver o mundo em sua plurilogicidade nos termos das corpo-geo-grafias políticas as quais o colonialismo Bolsonarista angaria obliterar.

Com isso, encaminhando-me para o fim desta reflexão, intento que *tudo aquilo* que é importante para a minha teorização é, por extensão, condição obrigatória da minha própria vida²⁸⁵ homo-biográfica fronteiriça compartilhada há anos com Silviano Santiago no âmbito não só do meu eu-pesquisador escre(vi)vendo a partir da fronteira-sul de Mato Grosso do Sul, mas, de modo essencial, dos meus afetos e desejos de com-viver com um aliado que desobedece, à sua maneira, as políticas coloniais em curso aqui por esses lados. Nesse intento, perco o medo de pensar por mim²⁸⁶ mesmo e cada vez mais me direciono para a re-existência²⁸⁷ ensejando, na medida do que me possível, desatar esses muitos nós que nesses lugares imperfeitos *suleados* foram criados e continuam sendo replicados à exaustão política. Assim, *se para Bolsonaro a Bíblia pesa mais que a*

²⁸² NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 02.

²⁸³ NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 03.

²⁸⁴ NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 03.

²⁸⁵ NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 08.

²⁸⁶ NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 08.

²⁸⁷ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

*Constituição*²⁸⁸, para mim, o que se coloca como primazia inegociável é a possibilidade descolonial e pós-abissal de que os futuros brasileiros sejam pensados através de políticas públicas pluriversais e plurilógicas que não mais tornem inexistentes essas *muitas gentes* que co-existem nas fronteiras epistêmicas e geoistóricas brasileiras. Para isso, só posso oferecer ao Bolsonarismo contrariedade absoluta.

REFERÊNCIAS

- ABIERTA, Democracia. Radicalização e violência bolsonarista marcam campanha no Brasil. 2022. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/pt/radicalizacao-violencia-bolsonarista-campanha-brasil/>>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 52-70.
- BIGNOTTO, Newton. *O Brasil à procura da democracia: da proclamação da República ao século XXI (1889-2018)*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. Introdução. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 07-18.
- BRUM, Eliane. Bolsonaro é mito, sim. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-07-07/bolsonaro-e-mito-sim.html>>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- CAPITAL, Carta. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: 05 jun. 2022.
- CONJUGAÇÃO. Pretérito imperfeito do indicativo. Disponível em: <<https://www.conjugacao.com.br/preterito-imperfeito-do-indicativo/>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

²⁸⁸ SANTIAGO. ‘Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución’, s/p.

FONSECA, Caue; PITOMBO, João Pedro. Violência escala em atos bolsonaristas, e autoridades apuram terrorismo. 2022a. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/23/interna_politica,1424594/violencia-escala-em-atos-bolsonaristas-e-autoridades-apuram-terrorismo.shtml>. Acesso em: 07 ago. 2023.

FONSECA, Caue; PITOMBO, João Pedro. Violência em manifestações cria ‘curto-circuito’ na base de Bolsonaro. 2022b. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/28/interna_politica,1426654/violencia-em-manifestacoes-cria-curto-circuito-na-base-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 07 ago. 2023.

G1. Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

LAGO, Miguel. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 19-69.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. Prefacio de la edición castellana: un paradigma otro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, Walter. *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003, p. 19-60.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidade*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madiva V. *Learning to unlearn: decolonial reflections from Eurasia and the Americans*. Columbus: Ohio State University Press, 2012.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017a. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017b. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIGNOLO, Walter. La descolonialidad del vivir y del pensar: desprendimiento, reconstitución epistemológica y horizonte histórico de sentido. In: QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 11-45.

NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13019>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editorial, 2022.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Ignorância do sempre*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

SANTIAGO, Silviano. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”. [Entrevista concedida a Adrián Melo]. *Resumen latinoamericano: la otra cara de las noticias de América y el tercer mundo*, Buenos Aires, s/p, 20 jul. 2019.

SANTIAGO, Silviano. Nó, nós. In: *Revista Electra*. n. 8. Porto: Fundação EDP, 2020, p. 164-173.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando o fim é também o começo: nossos fantasmas do presente. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 223-237.

SILVA, Fernando de Barros e. Dentro do pesadelo. In: *Revista Piauí*. ed. 164, ano 14. Rio de Janeiro: Editora Alvinegra, p. 26-29.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* *Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 307-321.

STARLING, Heloisa M. Brasil, país do passado. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 70-119.

Artigo Recebido em: 08 de agosto 2023.

Artigo Aprovado em: 05 de outubro de 2023.

170